

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA CAROLINA ROSSI

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO
CONTEXTO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**



Rio Claro
2020

ANA CAROLINA ROSSI

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO CONTEXTO
ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Orientador: Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de
Biotecnologia da Universidade Estadual
Paulista "Júlio de Mesquita Filho" -
Campus de Rio Claro, para obtenção
do grau de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2020

| | |
|-------|---|
| R831i | Rossi, Ana Carolina A importância da afetividade no contexto escolar da educação infantil / Ana Carolina Rossi. -- Rio Claro, 2020 31 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro Orientador: César Donizetti Pereira Leite 1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Alunos. 4. Professor. I. Título. |
|-------|---|

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por não ter me desamparado em nenhum momento e ter me dado forças para continuar.

Aos meus pais, Valter José Rossi e Jussara Cilene de Moraes Rossi, por me incentivarem a estudar e nunca desistir, mesmo diante de situações tão difíceis. Obrigada por acreditarem em mim e por todo o apoio de sempre. Todo esforço é por vocês.

Ao meu irmão, Gabriel Augusto Rossi, por sempre torcer por mim.

Ao meu namorado, Leonardo Henrique Lourenço, por me apoiar e por ser o meu porto seguro. Obrigada pela parceria.

As minhas grandes amigas, Ana Luísa Duarte, Giovanna Lemos, Larissa Sirico e Maíra Coelho, pelos quatro anos de convivência e por serem o suporte uma das outras. Vocês tornaram a graduação mais leve e especial.

A Drieli, que tanto me ajudou no processo de escrita desta monografia.

Ao meu orientador, César Donizetti Pereira Leite, por ter aceitado me orientar e por todo o auxílio na construção deste trabalho.

A todos os professores do curso de Pedagogia da UNESP de Rio Claro, por todos os ensinamentos e por me inspirarem a lutar por uma educação melhor.

A todos que, de alguma forma, passaram pela minha vida nesses quatro anos de graduação e contribuíram para a construção do meu conhecimento.

“Nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.” Cora Coralina

RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar e analisar reflexões sobre a importância da afetividade e dos vínculos afetivos no processo de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças que estão ingressando a sua vida escolar. Para fundamentar tal estudo, procurou-se referências bibliográficas baseadas na perspectiva conceitual de Henry Wallon, autor que estudou a importância do afeto nas relações interpessoais, na interação, formação e construção do indivíduo como um ser social, cultural e inserido em seu próprio meio. Buscou-se levantar e entender a importância de se pensar em um professor que tenha um olhar afetivo aos seus alunos e as suas aprendizagens, pois isto é fundamental para que os conhecimentos sejam cada vez mais pessoais e significativos para as crianças e também para que elas possam vivenciar, experimentar e principalmente estabelecer vínculos seguros, os quais se tornarão imprescindíveis para seu crescimento não só cognitivo, mas também emocional e social. Durante o decorrer deste trabalho, poderemos perceber e constatar porque é tão importante a escola se fundamentar em uma educação baseada em afetos e conhecimentos válidos a criança como um todo.

Palavras-chave: Aprendizagem. Alunos. Afetividade.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| UM POUCO SOBRE HENRY WALLON..... | 10 |
| REFLETINDO SOBRE A AFETIVIDADE | 13 |
| A TEORIA WALLONIANA | 16 |
| A APRENDIZAGEM E A AFETIVIDADE | 20 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 26 |
| REFERÊNCIAS..... | 28 |

INTRODUÇÃO

O tema educação é muito abrangente e o mesmo traz consigo várias abordagens relevantes. Nos dias de hoje podemos afirmar que é impossível pensar em uma educação somente baseada na construção cognitiva e nos conhecimentos adquiridos pelos alunos sem salientar aspectos afetivos ou ainda as questões emocionais, visto que as emoções estão diretamente ligadas à relação que a criança faz com o outro e com seu conhecimento de mundo.

Neste contexto trazemos a ideia de Wallon (2007)

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON,2007, p.198).

Tendo a consciência de que as relações afetivas e sua importância estão diretamente ligadas com a ideia de uma educação mais humana, entendemos o conceito que para aprender, a criança deve ser tratada como um ser completo, possibilitando então que suas aprendizagens não se desvinculem do ser criança e da forma natural como ocorre sua aquisição de conhecimento.

Se pararmos para pensar que todas as atitudes humanas são permeadas pelo afeto, não podemos excluí-la no âmbito escolar, e sim trazer para a sala de aula um ambiente mais prazeroso, seguro e participativo.

A afetividade no ambiente escolar pode favorecer uma aprendizagem significativa, na qual o aluno participa da sua construção de conhecimento e percebe-se como indivíduo responsável pelos seus saberes e sua identidade.

Para Wallon (1979), a personalidade é formada por duas funções básicas: a inteligência e a afetividade. A inteligência está diretamente ligada ao mundo físico, à construção do conhecimento. Já a afetividade é pautada por um papel anterior a inteligência, assumindo uma função essencial no desenvolvimento humano, definindo os interesses e peculiaridades de cada um.

Pensando no contexto sociocultural, sabe-se que pais e professores são importantes mediadores como objetos culturais e essas mediações são afetivas e determinam as relações entre sujeito e objeto.

Almeida (2012), entendendo os conceitos wallonianos, salienta.

[...] para Wallon, a inteligência tem no desenvolvimento a função de observar o mundo exterior para descobrir, explicar e transformar os seres em coisas. Esse conhecimento do mundo decorre da transformação do real em mental, isto é, da capacidade do homem de representar o mundo concreto. (ALMEIDA, 2012, p. 51).

A afetividade nos momentos de atividades em sala de aula vem como compromisso do professor em atender seus alunos, criar meios para que aconteça o aprendizado efetivo e significativo. Esse olhar e comprometimento do professor é sem dúvida um ato afetivo, as práticas vivenciadas, pensadas para as crianças nas suas individualidades, além da dedicação empregada a sua didática é o afeto, se não diretamente a criança é ao seu importante papel profissional na vida dela.

Mesmo que ocorra a tentativa de não existir, o que costumeiramente chamamos de afeto no processo educativo, a afetividade está presente em toda a prática pedagógica, tanto nas atividades propostas como nas relações estabelecidas. (FERREIRA, 2010). Neste contexto, surge um problema a ser questionado: de que forma a afetividade está presente nas práticas pedagógicas?

A escola é vista como um lugar privilegiado para o desenvolvimento da criança. Sendo este um assunto muito relevante para a educação, temos Henri Wallon, um teórico que contribuiu muito acerca deste tema. Ele trouxe a concepção de que a afetividade é um dos aspectos centrais do desenvolvimento. Dessa forma, surge um novo questionamento: como a afetividade pode influenciar nos processos de aprendizagem?

Especialmente na educação, a afetividade envolve o acreditar que a criança é capaz de se tornar uma pessoa mais autônoma e ser socialmente participativa ao interagir com o meio em que vive. Portanto, uma convivência baseada no respeito, uma relação afetiva positiva entre professor e aluno colabora no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Nesta perspectiva, educar não é apenas ensinar conteúdos ou repassar informações, mas sim ajudar a criança a tomar consciência de si, dos outros, da sociedade em que está inserida e seu papel dentro dela.

Assim, pensar nessa temática é, sobretudo, contribuir para um ambiente escolar mais justo e solidário, refletindo sobre como os valores e os afetos fazem a diferença na dinâmica da escola, tendo o aluno como principal protagonista.

A partir das questões mencionadas e reflexões a serem expostas, o trabalho aqui apresentado deseja investigar a importância da afetividade no processo de aprendizagem e no desenvolvimento das crianças da Educação Infantil.

Justifica-se, portanto, a escolha de estudar o tema baseado no interesse em buscar compreender como e porque a afetividade influencia nos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, visto que alguns problemas existentes na escola como a relação professor-aluno e as dificuldades em aprender estão relacionadas à essa questão afetiva.

Destacamos, contudo, a importância de compreender as emoções e sentimentos da criança e seus aspectos na construção do conhecimento partindo da compreensão de Lopes sobre a teoria de Wallon.

De acordo com a teoria walloniana, desde o princípio da vida, são as relações afetivas que possuímos com o meio humano que começam a determinar o nosso comportamento. O espaço escolar torna-se assim o responsável por promover o desenvolvimento da personalidade da criança. E isso significa ultrapassar o mero provimento das usuais funções intelectuais, neste espaço as relações afetivas ficam em evidência, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, numa interação entre pessoas. (LOPES, 2009, p.4)

Entendendo a ideia de Wallon de como a afetividade anda em conjunto com a inteligência e o desenvolvimento da criança, podemos perceber a importância de compreender como esta interação ocorre e qual o papel do professor nessa intermediação, destacando a relevância do afeto nas relações interpessoais.

Sobretudo, pretende-se com tal levantamento a busca por estudos que tratem ou abordem a afetividade e sua importância na construção do desenvolvimento da criança na educação infantil, que façam ligação entre o emocional e o intelectual, que estabeleçam conexões entre a relação ensino-aprendizagem e interação professor-aluno, trazendo aos dias de hoje novas formas de se pensar uma educação mais significativa e humana.

UM POUCO SOBRE HENRY WALLON

Henry Paul Hyacinthe Wallon, mais conhecido como Wallon, nasceu na França no dia 15 de junho de 1879, foi admitido na Escola Normal Superior em 1899 e formou-se em Filosofia aos 23 anos de idade.

Ao longo da sua vida foi muito explícito sua aproximação e paixão pela educação. Muito estudioso, em 1908 formou-se também em medicina e, a partir daí, trabalhou por longos anos com crianças portadoras de deficiência mental.

Baseada em sua experiência e formação médico-filosófica e pelo seu interesse em compreender a organização biológica do homem, atuou como médico e psiquiatra, surgindo posteriormente seu interesse pela psicologia da criança.

Sempre em busca da descoberta e entendimento do pensamento humano, o autor estudou e pesquisou diversas temáticas relacionadas a ideia de uma construção de conhecimento mais humana e seu processo evolutivo.

Henry Wallon foi um filósofo, médico, psicólogo e político francês. Tornando-se conhecido por seu trabalho científico sobre a psicologia do desenvolvimento, tal teoria psicológica foi construída através de seus conhecimentos sobre neurologia e psicopatologia adquiridos durante a sua experiência clínica.

Em 1920, Henry se tornou professor na lendária Universidade de Soborne, na França. Lecionou também em outras instituições e foi o primeiro teórico a reconhecer a importância da afetividade no ensino infantil.

Seu primeiro trabalho publicado foi apresentado em 1909 e intitulado “Délire de persecution. Le délire chronique à base d’interprétation” na tradução “Delírio de perseguição. O delírio crônico na base da interpretação”. Mas, entretanto, a maioria de suas obras não foram traduzidas para o português.

Em 1925, fundou o que seria futuramente o Laboratório da Psicobiologia da Criança, lecionando por anos no Colégio da França, o berço da psicologia, e atuando em diversas conferências sobre psicologia da criança. Também neste ano publica sua tese de doutorado intitulada *L’enfant Turbulent* (“A Criança Turbulenta”). Com isso, inicia um período de intensa produção literária na área de Psicologia da Criança.

O autor também viveu um período de muita inconstância social e turbulências políticas passando por duas guerras mundiais. Wallon atuou em movimentos contra o

fascismo, fazendo parte de manifestações e protestos contra a ditadura. Participou da resistência francesa sendo assim perseguido pelos Nazistas e precisando viver na clandestinidade.

Durante a sua resistência se envolveu em muitos debates sobre o sistema de ensino francês e em 1944 foi chamado para integrar a comissão e nomeado pelo Ministério de Educação Nacional como encarregado pela Reformulação do Ensino Francês.

A reforma do nosso ensino deve ser a afirmação em nossas instituições do direito de nossos jovens a um desenvolvimento completo. Ela se deve proclamar e proteger o direito de todas as crianças, de todos os adolescentes a educação. Esta tornará por base o conhecimento da psicologia dos jovens e o estudo objetivo de cada individualidade. (LANGEVIN E WALLON, 1946, p. 8)

O filósofo com sua vasta experiência escreveu diversos artigos ligados a educação que auxiliavam professores na sua prática pedagógica, orientava os profissionais da área, ajudava na formação de docentes e na interação entre alunos e adaptação escolar.

Criou a revista *Enfance* no ano de 1948, a qual pesquisadores em psicologia e educadores usavam como instrumento de pesquisa e fonte de informações de estudo sobre o tema. Nela, ele abordava diferentes assuntos fazendo constantes referências a educação.

Destacou o autor:

Em muitos países os acontecimentos dos últimos anos estão atingindo os jovens para as fontes de sua vida orgânica e moral: desnutrição, desintegração familiar, insegurança, tentações diversas. Os danos pertencem, em grande parte, ao plano psíquico. Eles têm o seu lugar na nossa revista. (WALLON, 1948, p. 7)

Foi presidente da Sociedade de Pedagogia, a qual reuniam educadores para debate e troca de experiências e reflexões.

Sempre muito dedicado, uma vez que tudo lhe parecia poder alargar o campo da psicologia e de suas aplicações, ele se interessava em tudo que pudesse contribuir e valorizar sua tese.

Wallon com sua vivacidade e determinação mostrou que

Entre a psicologia e a educação, as relações não são os de uma ciência normativa com as de uma ciência ou arte aplicadas. A psicologia está muito próxima de suas origens para que seja possível reconhecer a estreita

dependência que uma ciência inicial se encontra frente a frente com os problemas práticos. (WALLON, 1973, p. 197)

Estando em contato com diversas áreas, profissionais e educandos, lidando com os problemas e dificuldades frequentes na educação, o autor conseguiu estudar e aperfeiçoar sua teoria e pesquisa. Tudo isso vivido em paralelo ao desenvolvimento das propostas teóricas que envolvem a psicologia de Henry Wallon até o ano de seu falecimento, 1962, aos 83 anos de idade, em Paris, na França.

REFLETINDO SOBRE A AFETIVIDADE

Quando um bebê nasce, seu primeiro contato com o mundo externo é a partir do colo e afago da mãe, posteriormente a criança se desenvolve e começa a dar seus primeiros passos. Ao mesmo tempo, a mãe prontamente abre os braços para receber seu filho, ela expressa com gestos a intenção de acolhe-lo e ele reage caminhando em sua direção. Assim como a criança, todos nós somos afetados tanto por elementos externos como por sensações internas e responde a cada um deles. Essa condição humana recebe o nome de afetividade e ela é de suma importância para o desenvolvimento integral do indivíduo.

A afetividade, ao contrário do que o senso comum pensa, não está associada simplesmente ao ato de dar amor, carinho e dizer sempre sim as crianças. Pelo contrário, a afetividade vai além de sentimentos apenas positivos. É necessário compreender a criança como um todo e sujeito em constante transformação e descoberta. Para isso, a sensibilidade e a afetividade serão primordiais na construção de um indivíduo seguro, independente e maduro.

Para Wallon, este termo se refere a capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente. No processo de desenvolvimento e construção do conhecimento da criança, a afetividade está associada a um conjunto de habilidades funcionais atuando juntamente com a cognição e o ato motor. (in SALLA, 2011, pag.1).

O autor ilustrou essa ideia relatando situações de natureza humana. Quando um bebê está com fome ou dor de barriga, ele chora para manifestar sua vontade e condição. Mesmo não tendo como se expressar através da fala, ele se faz entender para sua mãe e assim conseguir o que deseja. O humanista foi o primeiro a levar em consideração não somente o corpo da criança, mas também suas emoções e a relevância dela ao longo da sua vida.

Muitos estudiosos ao longo de suas pesquisas perceberam a importância da afetividade no processo evolutivo do indivíduo, como Jean Piaget e Lev Vygotsky. Mas somente o educador Henry Wallon se aprofundou na questão. Ao estudar a criança, o autor coloca a inteligência como principal elemento do desenvolvimento, mas salienta que a vida psíquica é formada por três dimensões, a motora, a afetiva e a cognitiva, as quais atuam entre si de forma integrada.

O educador defende que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma. O indivíduo nasce com um equipamento orgânico, que lhe dá determinados recursos, mas é o meio que irá permitir que se desenvolvam essas potencialidades.

Mahoney, entendendo a teoria walloniana, explicou que para ele, a afetividade é expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações surgem durante toda a vida do indivíduo, mas, assim como o pensamento infantil, apresentam uma evolução, que caminha do sincrético para o diferencial. A emoção, segundo o educador, é a primeira expressão da afetividade. Ela tem uma ativação orgânica, ou seja, não é controlada pela razão. (MAHONEY, 2005)

Através de grandes nomes e estudos sobre o tema, entendemos que o sujeito aprende e se desenvolve a partir da sua interação com o meio em que vive e com a troca com o outro. Assim, a abordagem de Wallon ganha destaque quando relaciona a questão afetiva do ser com o meio, a inteligência, a emoção e o movimento. Todos esses aspectos aqui mencionados se relacionam entre si, desencadeando a formação da pessoa única, singular.

Para Wallon (GALVÃO, 1995), a afetividade envolve as emoções, as quais são de natureza biológica, os sentimentos, as vivências, as experiências humanas e o desenvolvimento da fala, que por sua vez, possibilita transmitir ao outro o que sentimos, e dessa forma, constrói o indivíduo de maneira integral e individual.

Segundo Henry, é através de sua inserção na cultura que o homem se desenvolve como ser humano e assim, o que antes eram efeitos biológicos, se tornam mais complexos e importantes no decorrer do desenvolvimento humano. A partir disso, Almeida discorre que

[...] para Wallon, a inteligência tem no desenvolvimento a função de observar o mundo exterior para descobrir, explicar e transformar os seres e as coisas. Esse conhecimento do mundo decorre da transformação do real em mental, isto é, da capacidade do homem de representar o mundo concreto. (ALMEIDA, 2012, p. 51)

Quando se entende a relação do homem com o mundo que ele vive e experiencia, fica cada vez mais claro e compreensível a relevância dessa questão.

Para Codo e Gazzotti, o afeto constitui-se no elemento básico da afetividade humana, onde o mesmo é um “conjunto de fenômenos psíquicos que manifestam sob

a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza” (1999, p. 59).

A partir de sua teoria sobre a emoção, Henry Wallon entende a dimensão afetiva como conceito fundamental da sua teoria psicogenética da aprendizagem. Segundo Galvão (1999, p. 61), na obra de Wallon, “as emoções, assim como os sentimentos e desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum, costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Mas os mesmos não são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.”

O termo afetividade se refere a capacidade do indivíduo de ser afetado pelo meio, por sensações internas ou externas. Ela tem muita influência e relevância durante todo o processo de construção do conhecimento.

Contudo, para Wallon, a emoção é vista como instrumento de sobrevivência imprescindível a espécie humana e por sua vez, também a afetividade, onde as emoções se manifestam.

O estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo. (WALLON, 1982, p. 189)

Desta forma, é possível afirmar a partir das ideias e estudos de Wallon, que a sociedade intervém no desenvolvimento psíquico da criança, através do das inúmeras experiências e dificuldades em que será exposta e na interferência do adulto que a mesma convive.

Sobretudo, é através das vivências e experimento do mundo que a criança poderá formar seu senso crítico, sua personalidade e papel perante a sociedade.

A TEORIA WALLONIANA

A teoria de Wallon é identificada como a psicologia da pessoa completa, isto é, seus estudos e pesquisas levam em conta a totalidade do sujeito: suas competências, emoções, sentimentos e individualidades.

Para ele, o fator orgânico influencia diretamente na evolução do pensamento e conseqüentemente na aquisição de conhecimento, sendo o fator orgânico a primeira condição para desenvolver a nossa capacidade e crescimento. Além dele, as influências externas colaboram e moldam nossa personalidade e maturidade.

Segundo o humanista, o homem é fruto da combinação entre influências fisiológicas e sociais e, portanto, não devemos desconsiderar nem um nem outro dentro do aspecto evolutivo.

A evolução psicológica da criança em sua teoria afirma que a criança deve ser compreendida de forma completa, integral.

De forma especial, as emoções, para Wallon, têm uma função importantíssima no desenvolvimento da pessoa, pois são por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Mas também pondera que ainda são consideradas aquém do ideal no ensino tradicional. (ALMEIDA, 1999).

Para o autor, o estudo da criança é essencialmente o estudo das fases que farão dela um adulto. Wallon afirma que o desenvolvimento do sujeito em sua totalidade surge por meio de uma sucessão de estágios. Um percurso onde a criança oscila entre a inteligência e a afetividade, não limitando o desenvolvimento apenas a partir da cognição.

Segundo Henry, cada fase é um sistema de relações entre as capacidades da criança e do meio que faz com que eles se especifiquem reciprocamente.

O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. Ele é feito de tudo o que favorece os procedimentos de que a criança dispõe para obter a satisfação de suas necessidades. Mas, por isso mesmo, é o conjunto dos estímulos sobre os quais se exerce e se regula sua atividade. Cada etapa é a um só tempo um momento da evolução mental e um tipo de comportamento. (WALLON, 2007, p. 29).

O primeiro estágio é descrito pelo autor como Estágio impulsivo- emocional. O mesmo vai do nascimento ao primeiro ano de vida do bebê. Essa primeira fase é

caracterizada pelas reações fisiológicas na busca por cuidados, pelo afeto e demonstrando suas emoções afim de expressar seus desejos e necessidades, sendo essa sua forma de comunicação e troca com o outro e o meio. Nesse estágio, seus movimentos bem desorientados demonstram a sua coordenação motora ainda pouco desenvolvida. O ambiente ainda nessa fase é um facilitador para que a criança se desenvolva suas habilidades funcionais.

De acordo com Galvão (2007), Wallon argumenta que as trocas relacionais da criança com os outros são fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. As crianças nascem em um mundo cultural e simbólico, no qual ficarão envolvidas em um “sincretismo subjetivo”, por pelo menos três anos. Durante esse período, de completa indiferenciação entre a criança e o ambiente humano, sua compreensão das coisas dependerá dos outros, que darão as suas ações e movimentos formato e expressão.

Já o Estágio sensório-motor e projetivo, contempla a criança dos três meses até aproximadamente o terceiro ano de vida. É o período no qual a inteligência da criança predomina e o meio prevalece nos fenômenos cognitivos. Sua inteligência se divide entre a interação e o início da apropriação linguística. Também nesse estágio seus pensamentos se projetam através de seus atos motores.

A afetividade e a inteligência estão sempre relacionadas, havendo um predomínio da primeira e, mesmo percebendo uma diferenciação entre as duas, haverá uma constante reciprocidade entre elas, como ressalta Dantas:

[...] ao longo do trajeto elas alternam preponderâncias, e a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva assim que a maturação põe em ação o equipamento sensório-motor necessário á exploração da realidade”. (DANTAS, 1992, p. 90)

Na próxima fase classificada por Wallon como Estágio do Personalismo a criança dos três aos seis anos de idade apresenta maiores aspectos pessoais e individuais. É nesse período que sua personalidade é construída e sua autoconfiança está sendo moldada. Ficando mais evidente o amadurecimento de sua fase de imitação social e motora. Apresentando maior contrariedade ao adulto.

O Estágio Categorical que ocorre dos seis aos doze anos, é o período o qual a criança demonstra uma inteligência maior sobre suas emoções. A criança nessa fase desenvolve suas capacidades de memória e atenção. A partir daí, ela começa

a abstrair conceitos concretos e inicia o processo de categorização mental, dando um salto em seu desenvolvimento humano.

Por fim, o Estágio da Adolescência, que se inicia por volta dos onze ou doze anos de idade, categorizado pela mudança em seu corpo e mente, as quais aparecem junto com o surgimento de seus conflitos emocionais, como a busca pela autoafirmação e questionamentos sobre seu desenvolvimento sexual.

Em todos os estágios do desenvolvimento humano, segundo a teoria de Wallon, a afetividade está presente em maior ou menor grau, percebendo a interação indispensável a esse processo, para a formação desse indivíduo como ser social, cultural e inserido, de fato, no meio em que vive.

O autor conclui nos seus estudos e busca pela compreensão da construção que a criança faz do conhecimento, entender a afetividade e como ela se expressa durante esse processo. Dividi-la em três formas, sendo elas a emoção, o sentimento e a paixão.

A emoção, segundo Wallon, é a exteriorização da afetividade, ocorre do início ao longo da vida da criança e se expressa a partir de seus movimentos, liberando sensações positivas e negativas. A emoção, segundo sua tese, foi fielmente explicada por Dantas.

“ela fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie”. (DANTAS, 1992, p. 85).

A segunda, por sua vez, é o sentimento e ele se expressa não só pelo gesto e movimento, mas também pela linguagem, se diferenciando da emoção. Tem caráter cognitivo e maior controle da afetividade.

A paixão, portanto, é a última forma de expressão. Ela está presente a partir da fase do personalismo e se caracteriza pelo maior domínio da situação e auto controle mediante aos acontecimentos, exteriorizando de forma mais precisa suas emoções e sentimentos.

Ao relacionar todas essas formas em que a afetividade se apresenta e compreender os estágios do seu desenvolvimento da criança, o autor encontra meios para compreendê-la em sua totalidade e analisar estratégias das quais o adulto poderá intervir de maneira saudável e segura, imprimindo o mínimo possível das

suas necessidades sob a criança e tornando-a responsável, autônoma e madura para entender seu papel na sociedade.

A APRENDIZAGEM E A AFETIVIDADE

Tão importante quanto a aprendizagem, os conteúdos didáticos e suas metodologias de ensino durante o cotidiano escolar, é o espaço que a afetividade ocupa na construção do conhecimento e desenvolvimento da criança.

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mas precisamente, ao contrário, porque se dirigem, à medida que ela desperta, a automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental. Assim, o social se amalgama ao orgânico. (GRAMSCI, 2010, P. 71)

Na concepção de Wallon (1979), a personalidade se constitui em duas funções básicas: a afetividade e a inteligência. Para ele, a primeira está diretamente associada as sensibilidades externas que permeiam o mundo social até a construção do indivíduo, já a segunda, vincula-se as sensibilidades internas e a mesma está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto. Essa relação sujeito e objeto se fará presente na vida da criança incentivando a empatia e a curiosidade, fazendo ela avançar em suas hipóteses durante seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Para compreender o que entendemos hoje como uma educação mais humana, é necessário ter a consciência que as relações afetivas vão ocorrer de forma sutil, sensível e predominante nos momentos de interação e mediação cotidiana. A partir daí, possibilitar que o momento de aprendizagem não se desvincule com os interesses e necessidades da criança, mas fazer com que eles sejam somados e relevantes no processo de aquisição do conhecimento.

No contexto escolar, o professor da educação infantil, principalmente, não deve se limitar a atuar na esfera cognitiva, desconsiderando as relações afetivas no aprendizado e desenvolvimento cognitivo. Bem mais que considerar as emoções da criança, falar em afetividade relacionada ao contexto escolar, quer dizer atuar com um olhar voltado a criança, suas necessidades e possibilitar meios para que aconteça uma aprendizagem efetiva e significativa. Esse comprometimento do docente com o aluno é, sem dúvidas, um ato afetivo, se não diretamente ao aluno, que seja em respeito a opção profissional que escolheu.

A partir das considerações de Wallon, fica explícito a importância da afetividade no desenvolvimento humano, especialmente na educação, entendendo que a mesma envolve o acreditar que a criança é capaz de se tornar um indivíduo mais autônomo nas resoluções de problemas em sua vida e ser socialmente participativo ao interagir com o meio que vive e experimenta.

Nessa perspectiva, educar não é apenas repassar informações e conteúdo, mas possibilitar com que a criança tome consciência de si, do outro e do mundo em que vive e, principalmente, do seu papel dentro dele. Para isso, a relação professor e aluno no contexto escolar favorece o desenvolvimento e a aprendizagem. Uma atitude respeitosa para com o aluno, uma escuta ativa, um olhar e um sorriso são fundamentais para uma relação afetiva baseada na segurança e confiança, tornando o aluno importante, onde se sinta valorizado e protagonista da sua própria aprendizagem.

A qualidade das relações estabelecidas com o mundo irá permitir ao sujeito contextualizar suas impressões, dividir e demonstrá-las ao outro através da sua interação.

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir, de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro (WALLON, 1975, p.159)

A forma com que o indivíduo vai se direcionar as variadas atividades e situações irá determinar sua relação com o meio e construir suas emoções e personalidade.

Podemos dizer que durante muitos anos as emoções e a relação afetiva entre professor e aluno, até mesmo entre pai e filho, não eram consideradas na aprendizagem e na educação um meio facilitador e primordial, porém, hoje compreendemos que considerando o afeto, é possível ver o quanto o mesmo contribui favoravelmente na aprendizagem do aluno e nas suas relações sociais.

Ao contrário do que propõe a tradição intelectualista do ensino, uma pedagogia inspirada na psicogenética walloniana não considera o desenvolvimento intelectual como a meta máxima e exclusiva da educação. Considera-a, ao contrário, meio para a meta maior do desenvolvimento da pessoa, afinal, a inteligência tem status de parte no todo constituído pela pessoa. (GALVÃO, 2007, p. 98)

O educador da primeira infância que pensa sobre o tema e considera a sua relevância, com certeza irá contribuir para uma sociedade escolar mais justa e solidária, refletindo sobre os valores e afetos que fazem a diferença na aprendizagem e rotina escolar.

Wallon considera a integração dinâmica entre orgânico e social indispensável no desenvolvimento da criança e na construção dela como indivíduo.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198).

Essa posição Walloniana implica pararmos e repensarmos as práticas e teorias pedagógicas que coloca a criança como objeto e não como sujeitos de direitos e desejos.

Nessa perspectiva e, considerando as impressões e relevância do tema, Sergio Leite, professor da Unicamp e influente pesquisador sobre esta questão, juntamente com Elvira Tassoni, também professora da Unicamp, num artigo sobre afetividade na sala de aula (LEITE e TASSONI, 2000), destacam a afetividade um componente integrado do indivíduo, considerando suas vivências individuais como uma forma de expressão mais complexa e essencialmente humana.

As habilidades e conquistas intelectuais estão ligadas diretamente a afetividade e quando isso ocorre, ajudam a criança na evolução significativa de sua inteligência.

Leite e Tassoni evidenciam que

[...] a presença continua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor que a interação que ocorre no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor, também, que a afetividade se constrói como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos do conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. (LEITE e TASSONI, 2000, p. 9-10)

Pensando nisso, podemos compreender que a criança estar aberta, disposta a aprender e a tornar-se parte do objeto do conhecimento é

fundamentalmente importante para que o professor consiga um resultado cognitivo muito mais concreto e relevante ao longo do ano escolar.

Para que a criança se envolva na aprendizagem, o professor deve manter uma postura mais humana e menos autoritária, deve demonstrar aos alunos a importância de cada um e o quão necessária é essa relação que terão ao longo do ano.

O que se diz, como se diz, em que momento e por quê – da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê – afetam profundamente a relação professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeitos e objetos. Neste processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos, afeta cada aluno individualmente. (LEITE e TASSONI, p. 11)

Contudo, as relações afetivas implicam na interação entre pessoas, assim como na relação ensino aprendizagem, tornando-se impossível separar as relações afetivas mesmo nos momentos de transmissão e produção de conhecimento.

Lakomy (2003) destaca que é competência da escola “refletir a realidade concreta na qual esse sujeito vive, atua e, muitas vezes, procura modificar”. (LAKOMY, 2003 p.60).

A teoria Walloniana e os estudos de tal autor veio questionar o ensino tradicional com todo seu autoritarismo, sem criatividade, o qual exigia um aluno passivo sem personalidade e principalmente, sem levar em consideração o caráter afetivo, social e político da educação.

Compreender tal teoria implica entender a criança como pessoa completa, reconhecendo que a presença do afeto interfere na sua aprendizagem. Em sua proposta educativa, Henry Wallon deixa claro a importância da integração na formação do educando e tal relevância é claramente descrita por Mahoney (2005, p. 15).

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das conseqüências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias tem um impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela.

Definitivamente, se entendemos que a afetividade está em todos os momentos da vida, interferindo nas relações humanas e em como lidamos com as situações as quais somos expostos, não é possível desvincular isso do contexto escolar, sabendo que a criança, assim como o adulto, é um sujeito cheio de sonhos, medos e ansiedades. O que podemos fazer é trazer essas sensações, sentimentos e experiências externas para dentro da sala de aula e ajudar o aluno a compreender e buscar soluções para todos esses aspectos, tornando o ambiente escolar muito mais participativo e real na vida da criança.

Quanto melhor for a troca e relação entre professor e aluno, mais efetiva será a aprendizagem e mais natural será o processo de aquisição do conhecimento para ela. A escola deve receber a criança, principalmente da educação infantil, de forma natural e solidária a fim de estabelecer vínculos que serão imprescindíveis durante toda a vida escolar dela. O professor, por sua vez, deve aproveitar a vitalidade da criança e explorar os mais diversos aspectos do conhecimento, tornando o momento de aprendizagem prazeroso.

[...] as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhida, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões. (LEITE E TASSONI, P.20)

Apesar de destacarmos a importância, ainda não se vê na prática ações educativas eficazes que realmente relacione de forma concreta a cognição e a afetividade. Esse desafio estará ainda presente em nosso contexto escolar e mesmo sendo difícil alcançar a meta proposta de integralidade, não podemos abandoná-la, pois a compreensão da criança como um todo nos conduz a um constante movimento produtor de transformações.

Por tudo isso, concordamos com as contribuições de Wallon enunciadas por Dantas (1992), quando afirma que a escola comete erros porque desconhece as várias fases de desenvolvimento da mente humana; erra também, por não conhecer conteúdos culturais que possam contextualizar concretamente os alunos, e persevera no erro ainda mais, por desconhecer as histórias de vida de cada um. Não que seja suficiente conhecer o universo cultural de convívio e sociabilidade dos indivíduos,

sobretudo das crianças, mas com certeza é indispensável para efetivar uma escolarização mais coerente perceber esta dimensão da realidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o compromisso de compreender como a afetividade está presente na vida do ser humano em todos os aspectos e como ela não pode ser desvinculada quando pensamos em uma educação mais significativa, que enriqueça o desenvolvimento cognitivo na escolarização principalmente das crianças de educação infantil.

A escola deve ser tornar um lugar agradável ao aluno, onde possibilita que ele cresça e se desenvolva como um todo. Um ambiente escolar seguro e que se importa com a criança só será possível se a escola e os professores acreditarem na importância do seu papel e como a forma de exercê-lo afeta diretamente os indivíduos e a maneira como eles recebem as informações.

A afetividade é um sentimento comum nas relações humanas e se torna ainda mais importante quando envolvida na prática pedagógica e na relação entre professor e aluno. Acreditando nisso, o trabalho aqui apresentado buscou ressaltar a relevância de tal levantamento para aprimorar o desenvolvimento e a aprendizagem efetiva das crianças.

Confia-se aqui neste estudo que a afetividade tem o poder de contagiar as pessoas e, conseqüentemente, um professor que se apaixona e acredita no seu objeto de ensino, transmite isso ao aluno e torna a rotina escolar mais agradável e prazerosa a ambos.

O compromisso do professor, norteado por práticas efetivas, leva o aluno a um desenvolvimento cognitivo mais definitivo, pois compreende como as relações afetivas em sala de aula vão influenciar no processo de ensino-aprendizagem e assim, de forma positiva no seu desenvolvimento cognitivo.

Em busca de confirmarmos as declarações aqui mencionadas, nos questionamos se esta prática está sendo realmente aplicada pelos professores e se os mesmos entendem a relevância da afetividade na relação com o aluno. Deseja-se, portanto, que os docentes se aprofundem no tema em questão e utilizem estratégias e metodologias que envolvam e relacionem a afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Pautados nisso, nosso levantamento trouxe Henry Wallon como principal autor e contribuidor acerca do tema tratado. Para ele, a afetividade vai além de sentimentos e emoções, ela está relacionada diretamente ao desenvolvimento e a construção do

conhecimento, permitindo uma humanização no processo de aprendizagem da criança, tornando-a principal protagonista do seu próprio saber.

Desta forma, acreditando numa educação melhor e mais significativa, podemos mostrar de forma clara as contribuições que as relações afetivas têm na construção do ser humano por completo. Assim, o papel do professor é atuar de forma eficaz e que leve em conta as experiências do aluno, suas vivências e sua cultura para dentro do contexto escolar e tornar este espaço em um ambiente de desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A emoção na sala da aula. Ed. Papirus, Campinas, SP, 2012.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A emoção na sala de aula. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

CODO, W. & GAZZOTTI, A.A. Trabalho e Afetividade. In: CODO, W. (coord.) Educação, Carinho e Trabalho. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

COMMISSION MINISTERIELLE D' ETUDE. Projet de réforme de l' enseignement: Project Paul L'angevin – Henry Wallon. Paris. 1946.

DANTAS, H. A infância da razão. São Paulo: Manole, 1992.

FERREIRA, A.L.; ACIOLY-RÉGNIER, N.M. Contribuições de Henry Wallon à relação cognição e afetividade na educação. Educar em Revista, Curitiba, nº 36, p.21-38, 2010

GALVÃO, I. *Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GALVÃO, Isabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LAKOMY, Ana Maria. Teorias Cognitivas da Aprendizagem. Curitiba: FACINTER, 2003.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. Disponível em<<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASLAAfetividadeemSaladeAula.pd>>Acesso em 13 de dezembro de 2020.

LOPES, C. S. A Afetividade e o Espaço Escolar – Segundo Henri Wallon. Artigo Publicado em Anais do Congresso de Educação Científica da UNESP, São José do Rio Preto, SP. 2009.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação*, v. 20, p. 11-30, 2005.

SALLA, Fernanda. O Conceito de afetividade de Henry Wallon. Nova escola. 2011.

WALLON H. Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Isabel Galvão. Ed. Vozes, 1995.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. Ecrits et souvenirs (textes de Wallon sur des auteurs de son choix). *Enfance*, n. 1-2, p. 15, 1968.

WALLON, H. Psicologia e educação da criança. Lisboa: editorial Vargas, 1979

WALLON, H./ Hélène Gratiot- Alfandéry; tradução e organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010. 134p p.: il. (Coleção Educadores/ Antonio Gramsci)

WALLON, Henri. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, Henri. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, Henry (1973/1975). A psicologia genética. Trad. Ana Ra. In. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa (coletânea).

Ana C. Rossi



Ana Carolina Rossi

Discente

Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite

Orientador